



A GENITÁLIA DO TEXTO: OS INTERSTÍCIOS DA SEXUALIDADE NAS ENTRELINHAS DA ESCRITA

Hilan Bensusan¹
Fabiane Borges²

1. Pornografia. Dworkin diz que o tema da pornografia é o poder masculino, seu significado, seu uso. Tentamos escrever pornografia. Nossa visão da pornografia estava contaminada de sua história, de sua etiologia, de sua etimologia: de tramas dos buracos e das genitálias *superstars*.

Dworkin cita Carolina Maria de Jesus entre as epígrafes de *Pornography*: Ele disse que desistia de fuder já que as mulheres eram caras demais. Ela disse que fingiu não ouvir – não falava de pornografia. Do que? Pornografia: a grafia da puta. A grafia do serviço sexual. O registro da produção do desejo. Da produção do desejo entendem as putas – é nesta ontologia que elas se movem. Há uma puta ontológica no *Breviário de Pornografia Esquizotrans*:

As putas não têm nacionalidade e tampouco gostam de guerra, elas estão entre as coisas, entre os bares, entre os partidos políticos, entre as guerras. Não porque as putas não têm senso de política, mas porque não enxergam sentido de demarcar de forma truculenta nem os corpos nem os territórios. Por isso a violência, o estupro e a violação a uma puta é sempre demonstração gratuita de um ódio à liberdade, porque se tens acesso ao corpo não precisas tomá-lo à força por pura idiossincrasia territorialista, é um dos outros terríveis paradoxos – território, posse, invasão, destruição, morte na cruz com o corpo. A violação a uma puta é sempre menos inteligível, apesar de se equivaler no horror a qualquer ser violado. A puta opera num entre a vontade de propriedade e poder e a vontade de nomadismo e liberdade, ela sustenta o paradoxo na sua prática diária sem defender nenhuma ideologia. É o ente do entre, doente de civilização, mas de modo nenhum sua doença.

Existe um elemento puta que tem seu nicho no ambiente do desejo – na compul[#]são que o desejo enseja: a urgência que o desejo incita. A prostituta se move no espaço onde os desejos afluem, ela mesma é uma dobra desta afluência – um ponto por onde passa a convocatória para que os corpos se desdobrem, para que se atirem uns sobre outros. O desejo traz uma putícula dentro de suas partículas. O desejo está sempre na pista – a puta negocia pelas ruas da prostituição ontológica; nem a inventa, nem a expressa, nem a condensa. A pornografia deveria ser esta ontografia: o movimento da puta pelos vãos entre os desejos.

Toda revolução incide sobre a putaria ontológica. Gabriela Leite conta que sua atração pela prostituição começou quando percebeu que era este o caminho que estava aberto as mulheres na revolução sexual dos anos 70. A revolução sobre a posse dos corpos. A posse dos corpos: quem

¹ Hilan Bensusan é docente do departamento de Filosofia da UnB e coordenador do Núcleo de Estudos de Diversidade Sexual e de Gênero também na UnB. Faz parte do coletivo Esquizotrans (<http://esquizotrans.wordpress.com>).

² Fabiane Borges é doutoranda em Psicologia Clínica – PUC/SP, membro do Descentro - Nó Emergente de Ações Colaborativas (<http://pub.descentro.org>), pesquisa comunicação e arte. Faz parte do coletivo Esquizotrans (<http://esquizotrans.wordpress.com>).



compra, quem vende, quem dá, quem rouba. Dizem que Heráclito escreveu recentemente sobre Eros e Eris, a deusa da desagregação:

208. Eris é a força de desindividualização: colocar-se a disposição. Os modernos, tão encantados com a idéia de autoridade integral, preferem olhar para as partes conscientes que são as que submetem outras e procuram retê-las submissas. Dizem: meu corpo está a minha disposição. Os corpos sempre estão à disposição, mas as disposições não têm dono.

E uma doxografia contemporânea diz:

Quando as prostitutas são pagas, elas estão vendendo um bem ou serviço. Tipicamente elas vendem uma estadia de algum pedaço de corpo do cliente em uma parte do corpo que elas possuem entre as pernas. Mas isso nunca é oferecido isoladamente. O consumidor aluga aquele espaço por algum tempo para colocar um pedacinho seu – a provedora cobra porque tem o espaço que ele quer. Ela também tem as vizinhanças, o terreno em volta daquele espaço que fica também a disposição do consumidor para algum usufruto. Ela também vende gestos e maneiras (apropriadas) de mover as partes do seu corpo, atitudes que podem ser identificadas pelo comprador como tendo a etiqueta feminina – ela vende, porque estas coisas são também dela. Estão a sua disposição. [...] A penetração é uma invasão. Ou uma ocupação. As vaginas são dispositivos biopolíticos – em torno delas giram regimes, contra-regimes, dietas. [...] Vaginas são ocupáveis. Cus são privados. Beatriz Preciado faz um desenho dos tubos digestivos machos e dos tubos digestivos fêmeas. Nos machos o público é a boca, o privado o cu. É a marca do capitalismo másculo: o cu na privada imaculada. Nas fêmeas tudo é meio puvado, meio príbico. Mulheres então precisam gritar: meu corpo é meu.[...Mas a]s disposições não têm dono; como se as torres de controle fossem alheias aos urubus que voam pelo aeroporto, aos gaviões, às vespas e aos vulcões. (Bensusan et al. 2010)

A propriedade dos corpos é uma porta de entrada no ingrediente ontológico que compõe a prostituição; há outras. Há a promoção do desejo. Há a ânsia da promoção do desejo. A puta ontológica:

Mas existe uma coisa que não é bem prostituição e nem tampouco coerência com o desejo sexual. É um entregar-se aleatório para qualquer figura que se encontra na noite, na boate, um vício de trepar e como isso é insustentável – exige gastos com bebidas e drogas - acaba-se de algum modo cobrando-se para isso, nem que seja o direito à consumação. Essa é uma das entradas possíveis, dissestes, têm muitas outras. Muitas. De qualquer jeito não é possível separar essas entradas em categorias de classes sociais ou culturais. O lance é muito mais sujo e bastante óbvio.

Pornografia. O registro da promoção do desejo. O registro dos entremeios em que o desejo se propaga, se inflama, se converte, transita, se imiscui, contamina. Evoca as putas que não tem cor, não tem classe, não tem raça, nem tem sexo – apenas em geral não são do masculino do cismarido pagante. A grafia das putas: *écriture prostitute*, uma escrita aberta a convites, que se dispõe a satisfazer. O lance é sujo e óbvio: há quem deseja, há quem infecta de desejo – e cobra para lidar com ele. Queríamos uma escrita da sarjeta. Puta. Putas todas as escritas. Pelo menos, as que incitam.

Queríamos encontrar alguma vereda que desse em um palpável multiplicidade pornográfica – algum alaúde que não fosse monocórdio, que não remetesse ao mesmo, a mesma imagem da genitália pronta como centro de gravidade da narrativa. Queríamos baforar o texto de desejos anarquéticos, de pudores sem a referência implícita a uma mesma caixinha de segredos, a uma



mesma trama subjacente – a trama que gira em torno de que na vida das pessoas há sexo. Não queríamos mesmo trama alguma, sob o trauma de que as tramas sempre são fiéis a uma mesma armadilha sexual. Queríamos infidelidade – e descentralização. Queríamos uma pornografia sem sexo. No sexo está inscrita a predefinição dos corpos, e a mesma dança dos desejos. Na pornografia é que talvez não precise haver nada inscrito, ela está para ser escrita. Queríamos inventar uma pornografia sem destino certo, sem fidelidade com as velhas tramas cujas expectativas são criadas já quando ouvimos falar de pornografia. Fracassamos. Haviam hormônios teleguiados demais.

É que talvez o texto – e os seus significantes tão grudentos – seja ainda mais difícil de ser cirurgiado que as genitálias, que os peitos, que os corpos. Talvez o texto resista às transições e ao improviso das bombadeiras. O texto. A cópula. O sujeito. O abjetô direto. A operação de sujeição. A gramática tem também seus segredinhos sexuais, teríamos que retorçê-la, entregá-la às bombadeiras, desterrá-la; fazer de suas cópulas origamis transversos. Arrancar o nexos. Se operarmos sobre o corpo do texto, podemos bolinar a bula dos corpos. A escritura transviada. A escritura sempre em transição – que deixa passar por ela o desgovernado. Um projeto político: estar à esquerda da gramática. A esquizerda da gramática. É na pornografia que surgiu a esquizerda:

A esquizerda fica tentando contrabandear energia erótica para dentro do que é político enquanto procura, com a outra mão, escancarar os semitons políticos do microerótico. E olha de frente sem piscar para o que ofusca erotismo. A esquizerda não cria barreiras contra o capitalismo e nem o acata como ele é. Ela quer distorcê-lo. Quer vampirizar suas energias. E inventar umas tantas outras: é proliferação, ao invés de organização da produção e da distribuição. [...] Quem sabe faz a hora não espera a hora certa. Esquizerda diz que é possível distorcer o capitalismo até ele se tornar irreconhecível. Não se trata de reformá-lo colocando os muros e as roldanas que faltam, não se trata de colocar restrições – trata-se de distorções. Criar monstros de muito mais tentáculos, muito mais que as cobras criadas do capitalismo – dissolver a sanha por acumular em um caldo de infiltrações por todos os lados. Dar um banho de desejos alternativos no capitalismo – quebrar cada uma das suas cercas.

E a pornografia esquizotrans é uma pornô-política. É uma política do registro dos desejos. O Breviário quer ser a inauguração de um projeto. Ou de um erro. Um erro a ser cultivado. Suavemente.

2. Não vamos explicar nossos fracassos – ainda que neles haja muito sobre o texto roçando nos desejos e sobre os desejos falhando entre as linhas. Queremos tratar de nossas tentativas. Começamos com uma definição de estilo:

E é isso que é o estilo, ou antes, a ausência de estilo, a assintaxia, a agramaticalidade: instante em que a linguagem deixa de se definir pelo que diz, e ainda menos pelo que torna significativa, para se definir pelo que a faz correr, ondear, rebentar – o desejo. Porque a literatura é exatamente como a esquizofrenia: um processo e não um fim, uma produção e não uma expressão (1972/2004, p. 139).

O estilo é o rosto do texto – aos flertes com outros significados que ficaram do lado de fora. É pelo estilo – poroso – que sopram os ventos dos desejos indeterminados. Não é que perseguíamos



o estilo, mas estávamos à sua sombra. Multipornografia. Poliestilismo. Nos preocupávamos em deixar vãos nos textos. Um texto vazado.

Ela não queria adequar, e eles pediam do alto de um pedestal feito de pelanca da nuca rebaixada fluminense das massas correndo atrás da macaxeira mais barata, eles pediam com ordens do dia: adequa, desáque em nós, evacua sua frasezinha solta e adequa – não adianta patois, não tente fugir dos fatos com palavras sem ordem, sua betamax sem lente de milímetros, bête noir e querendo ser toda site specific; pessoa ardente engula o que você chupou, a cabeça foi feita para copiar as reentrâncias e as protuberâncias dos corpos e da areia, com a boca sempre pronta para fechar. E ela, nada disso, sentia umas mãos feitas de cinco dedos intrusos sobre a pele que cobre seus órgãos vitais, sobre seus ombros lambuzados de um creme que bronzeia de sol e protege do sol, e as mãos desciam e apertavam-lhe vísceras e ela apertava os botões O. N. G., O. N. G., O. N. G., O. N. G., O. N. G., O. N. G.,

Também não queríamos fins. Queríamos a erótico da dobra da vírgula, da produção de palavras; na fricção entre a estória narrada e o fluxo taquílalo do delírio na velocidade da sedução. Remexer caldeirões de palavras acreditando devotamente na bruxaria delas se triscando. Que elas se esfregassem, era nossa reza; que elas se ativassem umas às outras. Queríamos fazer uma semântica multiplicada das entrelinhas tratadas como dobras: experimentar o que pode uma palavra, um espaço entre elas, um acento, uma reentrância na areia.

Começamos inventando palavras com as coisas. Esquizotrans: um sacolejo nas identidades e arrepio nas diferenças – como se tivéssemos mais de duas mãos. Gostar dos trânsitos sem gostar dos itinerários. E querer importar pólvora da fábrica de plenitudes da *difference sexuelle*. Era preciso que nos nomeássemos com uma impossibilidade para torná-la visível no horizonte de textos que se prestam a serem tratados como significantes. Estilo. O estilo do trânsito. Como os gestos sexuais com estilo são os que se afastam da cis-sintaxe dos corpos prontos e fazem correr, rebentar. O estilo dos corpos que não são só significantes, não são índices, não estão à espera de uma interpretação. Era preciso aumentar a angular e fazer a pornografia dos objetos parciais conjugados em gambiarras de gramática. Dos corpos com órgãos demais. Dos corpos que se reinventam como Herculine Barbitúrico – Herculine Barbin cirúrgica, no alto de uma montanha sagrada. Uma pornografia para a masturbação que falta, para a masturbação que virá – aquela que alude o fio fino onde o desejo brota. A pornografia que ainda é nascente. Que a insere no texto. Benze. Solta fumaça. *Wachs und werde zum Wald*. Uma pornografia militante.

3. E uma militância poliestilística. O *Breviário* tem textos como “Infidelidade e Descentralização” (ou “Nem pertence a um corpo com órgãos demais”). Mas solta sementes pestilentas em muitas direções. Em “Medeias”, por exemplo, contamos com a mistura de mitologia, história, romance, ativismo de gênero e contra-gênero, natureza, bruxaria. O conto atualiza essas várias produções em um ponto de convergência, o ambiente onde se passa a história: rural, classe média baixa, belo, mas com certo ar de isolamento. Esse é o local onde estão imersos os



personagens, atados entre desejos, urgências e magias. A solidariedade da bruxa, uma medeia bem do interior do Brasil, encontra com o desejo de seu macho por outro macho; essa solidariedade não poderia deixar de ter algo de vingativo, uma vingança perturbadora que ao mesmo tempo é experimental e transexual, que não deixa de ser solidária exatamente porque não se contenta com o peso da culpa ou do sofrimento, mas incorpora o desejo do parceiro como um dispositivo de transformação de toda a realidade suposta. O próprio desejo aparece nesse texto como um fator de inoculação, que muda todo entorno; desejo imigrante, infectante e produtivo. Medeia conta com a memória, para perpetuar suas magias ancestrais, sua medicina alternativa e poderosa. É através de cantos, gírias e dissimulações da própria língua que ela faz perdurar esse saber antigo. Música que acalenta a fervura das ervas e transforma o corpo do seu homem Jasão em corpo de Medeia. Ele quer ser eu, diz a bruxa solidária, eu posso dar o que ele quer. Ela incorpora o desejo dele, que vai atuar tanto na sua vida de bruxa quanto na de amante. Ela vai passar a olhar o homem desejado pelo marido, com os próprios olhos do marido, e se apaixonar por ele (Gláucio). Seus filhos hermafroditas, xxy, são o conteúdo material da história, esses corpos subsidiam todas invenções de gênero que escorrem pelo drama. Os filhos como naturalizadores de uma confusão que poderia perder-se na abstração pura, se não fosse sua contudente concretude. Os filhos demonstram como corpos-profetas, as crises futuras da vida dos pais. Já mágicos, já habitantes do entre-gêneros, já imersos em outros modos de desejar, eles funcionam como um dispositivo de transição, que inauguram por aqueles prados toda uma nova rede de afetos e afetações. Medeia reatualiza o mito fazendo variar contornos e conteúdos, tornando vingança, desejo, fazendo da morte, transformação de gênero, e se dando ela mesma para aquilo que outrora representava a corte grega (a Creusa romana, em um duplo já que os corpos se bifurcam sem parar), tornada nessa história, um pião viril.

Já n“O anel brihante de Elfriede Jelinek” temos uma interlocução direta com o livro [Die Liebhaberinnen](#) de Elfriede Jelinek, a autora do livro “A professora de piano”, que desencadeia uma profunda imersão que mistura interior do Brasil com o tal livro, que cria um ambiente opressor, com muito menos saídas do que Medeias, até porque a personagem central do conto não é uma mulher bruxa, mas uma mulher simples, sem muitos recursos intelectuais ou mágicos para transformar sua realidade. Sua sexualidade é confundida com as das vacas do campo, com a natureza brutal em estado puro, com pouca intermediação. Nesse texto está contida uma cena habitual das pequenas cidades, no que tange a sexualidade feminina jovem, que é interesseira, que procura estabilidade financeira e sustentabilidade da própria vida através do casamento, e fatalmente explora desdobramentos desse tipo de política de afetos. O machismo avassalador e a



fuga não prescrita de um círculo viciado em produzir mulheres profissionais, ou seja, cozinheiras, trabalhadoras rurais, procriadoras, familiarescas. As pequenas fissuras introduzidas pelo texto são raras e brilhantes, como um pequeno anel, o anel da própria escritora Jelinek, que aparece no conto com um anel brilhante que é dado a nossa personagem principal, Carla, numa tarde de bebedeira. Carla desenvolve uma relação emocional com o objeto, como se ele ativasse um universo de possibilidades que ela nem suspeitava que existia e nem nunca viveria, mas que lhe emprestou certo estado de beatitude, de graça. O anel lhe trouxe de volta uma humanidade perdida pelo excesso de trabalho na roça. Carla vê suas sobrinhas como mulheres trancafiadas em seu mesmo destino e sua relação com elas antes do anel, era de compaixão, pena de si, e sobretudo ódio. O destino se abre no brilho do anel, que se perde na lama trazida pelas incessantes enchentes, mas que se introduz minúsculo, no brilho do seu olho, do seu olhar para as coisas, mas ao contrário da grande virada de mesa, temos uma mulher que se conforma com seu destino agora sabendo que há outros tantos destinos além do dela.

Em outros casos, como “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” e “Diferenças sexuais agudas”, o fio da narrativa é mais blindado aos cortes e às interferências transversais. São casos de intersexualidade e transsexualidade que aparecem em espaços de sedução e em velocidades cotidianas. O fio conduz a dobra que era preciso produzir: o desejo que poderia ser agenciado do avesso, os impulsos que são muito mais milimétricos do que as tramas imitadas pelos textos e pelos corpos. No caso de “Brenda Comendo David”, o universo de possibilidades não é um atrativo, muito pelo contrário, há uma recusa à sexualidade. O texto aponta o caso de David-Brenda que é explorado, por exemplo, por Butler (2004). Os processos de normatização promovidas na hora do nascimento sobre os corpos hermafroditas, e todas as teorias sobre gênero foram colocadas em questão nesse caso. O texto usa a conhecida divisa de Baterbly “I prefer not” como resposta do personagem aos argumentos médicos em relação a escolha de sua sexualidade, convocando uma certa ontologia da indefinição ou da negatividade, para promover um sujeito não prescrito em nenhum seguimento de gênero, que não pretende confinar seu erotismo, seu prazer a alguma sexualidade demarcada. A sua negativa diante das seduções clínicas demonstram uma força que termina com um não contundente sobre a possibilidade de trocar o desejo de um corpo múltiplo por uma luta político-ativista contra o DSM-5, uma luta que provavelmente tomaria a vida inteira do personagem, como cena substitutiva do seu desejo original. O caso não tem síntese, mas se forma como uma perturbação nos interstícios das metodologias de funcionamento das políticas de gênero. Já que elas também são texto. E também são pornografia (engajada).



A interferência nos interstícios dos desejos – na produção de sociedade por meio de influxos, contágios e dispersão de carga erótica – é feita pelas vias de distribuição das sementes dos gestos de desejo. Pela pornografia. O *Breviário* queria ser uma bomba de efeito sexual. Ainda que sub-reptícia. Ou uma micro-cirurgia na vazão dos textos. Ainda que subcutânea. E afetada.

Bibliografia

Borges, F & H. Bensusan (2010), *Breviário de Pornografia Esquizotrans*, Brasília: Quinta Mão.

Bensusan, H., L. Antunes & L. Ferreira, eds. (2010), *Heráclito – Obras completas incluindo fragmentos recentes, exercícios de anarqueologia*. No prelo.

Butler, J. (2004) “Doing justice to someone” por Butler

Deleuze, G. & F. Guattari (1972/2004), *Anti-Oedipe*, Paris: Minuit. Trad. *Anti-Édipo*, trad. J. Varela & M. Carrilho, Lisboa: Assírio e Alvin, p. 139.